

PINHEIRO, MARCOS SORRILHA. *UTOPIA ANDINA: SOCIALISMO E HISTORIOGRAFIA EM ALBERTO FLORES GALINDO*. SÃO PAULO: ANNABLUME; FAPESP, 2013.

ELVIS DE ALMEIDA DIANA*

Marcos Sorrilha Pinheiro é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista, possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) onde realizou também seu Mestrado (2004) e Doutorado (2009). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América e peruana, dedicando-se atualmente, principalmente, aos seguintes temas: política latino-americana, cultura política, identidades nacionais e história intelectual.

Em *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*, o professor nos oferece a apresentação e a análise histórica do pensamento político desse historiador e publicista peruano. Como o próprio autor afirma: “Não se trata da confecção de uma biografia, mas sim de suas principais ideias e formulações conceituais, relacionando-as a sua trajetória intelectual”¹ e é isto, segundo Pinheiro, que “(...) nos permitirá vincular o seu comportamento político ao seu pensamento”². Dessa forma, Pinheiro não restringe a análise aos textos produzidos por Alberto Flores Galindo e nem reduz a abordagem à interpretação dos sentidos linguísticos contidos em seus escritos, mas sim, se centra “(...) na análise das

Resenha recebida em 17 de agosto de 2014 e aprovada para publicação em 25 de novembro de 2014.

*Mestrando do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Franca. Bolsista FAPESP. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

¹PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ªEd. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 21.

² Idem.

ideias produzidas por Flores Galindo como forma de produzir um sentido para a sua atuação política, bem como uma interpretação da realidade na qual estava inserido”³.

A obra é dividida em quatro capítulos. No primeiro “Buscando Flores Galindo: vida, obra e contexto histórico”, Pinheiro realiza, ao mesmo tempo, uma breve explanação sobre o contexto histórico peruano desde a ascensão dos governos democráticos ao poder, nos anos 1940, após anos de ditaduras, até o *senderismo* nos anos 1980 e a trajetória e/ou biografia do intelectual Alberto Flores Galindo. O intuito do autor é apresentar a formação intelectual de Galindo, na tentativa de compreender como o contexto histórico impulsionou a sua atividade intelectual. Além disso, este capítulo é delimitado não só pela vida de Galindo, mas também destaca o início do processo de migração serra-costa, na década de 1950, que se caracterizou por ser constituído por membros das comunidades camponesas e das famílias de servos e peões pertencentes às fazendas localizadas nas províncias mais pobres, e que não teve como resultado uma concentração restrita somente à Lima. Além destas duas características anteriores, esse movimento possuía um terceiro elemento diferenciador das ondas migratórias que aconteceram no Peru anteriormente: era formado por um contingente massivo de pessoas.

Nesse sentido, Pinheiro enfatiza e ressalta a importância da compreensão do contexto histórico do país andino, sendo que as alterações nas esferas econômica, social e política “(...) influenciaram não apenas a mudança de sua estrutura socioeconômica, mas também inseriram novos temas, objetos e análises para as ciências sociais, bem como nortearam a formulação de propostas políticas que visavam responder a elas”⁴. Além disso, segundo Pinheiro, “foi com essas discussões intelectuais e com esses projetos políticos que nosso autor dialogou ao longo de sua trajetória”⁵. É interessante enfatizar a forma como Pinheiro organizou a redação desse capítulo. O fato de ter realizado uma apresentação das transformações no Peru e de inteirar o leitor sobre a produção intelectual de Galindo, vai além de uma simples apresentação do objeto, de forma que, sem isso, não seria possível a melhor compreensão das principais hipóteses levantadas por Pinheiro.

No segundo capítulo, intitulado “Esquerda e Historiografia no Peru (1960-1980)”, Pinheiro realiza uma análise mais aprofundada da intelectualidade peruana em que estava inserido Alberto Flores Galindo. Por meio de uma abordagem metodológica inovadora,

³ PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ªEd. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 21.

⁴ Idem, p. 30.

⁵ Ibidem.

Pinheiro busca mapear as principais linguagens políticas presentes no ambiente intelectual em que se encontrava Galindo, utilizando-se dos vocabulários, conceitos e projetos de nação de maior evidência no cenário das contendas intelectuais da esquerda do Peru entre as décadas de 1970-1980. Para isso, Marcos Sorrilha Pinheiro reúne os principais interlocutores e influências com os quais Flores Galindo dialogou, tanto por meio da divergência quanto da convergência de opiniões. Trata-se de uma explicação acerca do surgimento, construção e consolidação da chamada nova esquerda peruana entre 1960 e 1980, tratando de suas três fases: a guerrilheira (1956-1968); a fase classista (1968-1978) e a fase democrática (1978-1989).

A compreensão da renovação da Historiografia peruana (*Nueva Historia*), da qual Flores Galindo foi um dos maiores expoentes, na década de 1970, também faz parte dos objetivos de Pinheiro. Não se trata somente de uma descrição da obra de Galindo, mas sim de uma explanação profícua sobre a conexão entre o que foi produzido por esse intelectual e a vinculação da História aos movimentos sociais e políticos da época. Nesse sentido, o que se destaca quando se considera a nova esquerda e a nova historiografia peruanas é o mariateguismo, representado por José Carlos Mariátegui, eixo central de reconstrução por parte de toda a esquerda do Peru e pela *Nueva Historia*.

Uma vez estabelecido o contexto histórico e o pensamento nele vigente, Pinheiro realiza, no terceiro capítulo, uma análise mais específica, que consiste na compreensão da obra de Flores Galindo intitulada *Buscando um Inca: identidad y utopia em los Andes* (1986). A escolha dessa obra tem uma justificativa: o consenso de ser esta a obra de maior destaque de Flores Galindo. A importância dessa obra é legitimada, também, por outros motivos como o momento econômico e político pelo qual passava o Peru na década de 1980, mais especificamente em 1986, quando foi publicada a primeira edição do livro. Outro motivo está relacionado à inovação historiográfica – métodos, temas e estilo literário - empreendida por Galindo. Nessa obra, é possível identificar, segundo Pinheiro, a presença de métodos não muito recorrentes na historiografia peruana, como a psicanálise e a etnografia.

Este capítulo também trata do conceito de “utopia andina” elaborado por Flores Galindo, que consiste na tentativa de restauração do Império Inca, que pode ser percebida em vários momentos da história peruana. O que talvez pudesse transmitir a impressão de que este capítulo seria uma simples descrição de *Buscando um Inca*, cai completamente por terra quando se percebe nitidamente que será feita uma análise minuciosa desta obra que, segundo Pinheiro, “(...) mais que uma obra historiográfica, foi também a elaboração de um projeto

político para o Peru”⁶. Entretanto, com a difusão desse livro e as discussões incitadas por essa obra, Pinheiro também considerou importante analisar a leitura desta obra de Galindo por seus contemporâneos, - José Tamayo, Rodrigo Montoya, Erica Mayer, entre outros – o que favorece o mapeamento da recepção da obra no cenário político-intelectual do momento.

Diferentemente dos dois primeiros capítulos, nos quais Pinheiro realiza a explicação do contexto que é construído em favor da edificação de um pensamento – o qual fica delimitado no terceiro capítulo-, no quarto capítulo, intitulado “La Agonía de Flores Galindo”, o autor recorre ao título da obra “La Agonía de Mariátegui”, de que se apropria para explicar a “agonia” de Galindo, que não se referia propriamente à dor diante da morte, mas sim à busca pela vida, pela tentativa de unir o socialismo à utopia andina. Aqui, existe um aprofundamento acerca da discussão sobre o conceito de utopia andina e sua relevância para a política peruana. Porém, Pinheiro se debruça sobre o esforço de estabelecer a conexão entre essa proposição e o exercício intelectual de Flores Galindo para compreender a sua realidade, no caso, a capital peruana, Lima. O projeto político elaborado por Flores Galindo, que busca a construção de uma nova identidade nacional para o Peru é a hipótese levantada por Marcos Sorrilha Pinheiro, que afirma, ainda, que esse projeto teria sido inspirado pela sua interpretação do espaço limenho da década de 1980, lugar de ocorrência das migrações, do agravamento da crise econômica e das ações violentas do *Sendero Luminoso*. Trata-se da clara divisão entre *criollos* e andinos, não compartilhada por Flores.

O fato de o livro conter uma grande quantidade de conteúdo pode ser considerado, ao mesmo tempo, um ponto positivo – pois reflete a preocupação do autor em transmitir todas as informações sobre o Peru do século XX e as suas complexidades políticas e sociais-, como um ponto negativo, principalmente para um leitor que não esteja familiarizado com a história do país andino. No entanto, a leitura é agradável e fluida, mesmo que, inicialmente, exija um pequeno esforço pra que isto aconteça.

Como a obra se pauta na construção do ambiente intelectual que cercava Alberto Flores Galindo, é importante colocar em evidência a abordagem metodológica utilizada por Marcos Sorrilha Pinheiro para a realização do trabalho. A partir das indicações teórico-metodológicas inovadoras de Quentin Skinner e John Pocock, expoentes da Escola de Cambridge - que situam os intelectuais em seu contexto linguístico -, Pinheiro consegue identificar os interlocutores de Galindo – como já mencionado anteriormente, quando se

⁶ PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ª Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 32.

tratou da apresentação sobre o segundo capítulo -, e reconhece a existência de um discurso estável compartilhado por seus autores, que possibilita, conseqüentemente, tornar nítido o vocabulário de cunho político presente em suas contendas. Assim, como afirma o próprio Skinner, em sua obra *Visões da política: sobre os métodos históricos*, se o que se pretende estudar é “(...) uma história da filosofia feita com um espírito genuinamente histórico”, deve-se, portanto, ter como um dos principais esforços, “(...) a contextualização intelectual dos textos em estudo”, de forma a que se possa “(...) dar sentido ao que os seus autores estavam a fazer quando os escreviam”⁷. Para se alcançar esse objetivo, Skinner afirma que se deve utilizar as técnicas básicas da pesquisa histórica “(...) de forma a captar os seus conceitos [dos autores], seguir as suas distinções, apreciar as suas crenças e, tanto quanto possível, ver as coisas como elas são”⁸ e, dessa forma, atribuir um privilégio à linguagem no seu contexto de produção.

Dessa forma, considerando que o objetivo de Pinheiro é identificar o que “pretendia” Galindo quando escrevia, além de identificar com quem Galindo dialogava, destaca-se que um autor é tanto um expropriador, que toma “a (...) linguagem de outros (...) usando-a para seus próprios fins, quanto o inovador que atua sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada”⁹.

Trata-se de um jogo de linguagem possibilitado por meio das respostas dadas aos seus interlocutores, conforme os novos significados lingüísticos já estabelecidos por estes, mas alterando-os em algumas vezes. Todo esse amparo metodológico possibilitou a Marcos Sorrilha Pinheiro identificar o conceito de Utopia Andina – conceito que norteia a obra e que Pinheiro considera uma jogada, um *lance* executado por Galindo dentro desse jogo de linguagem.

Além disso, o conceito de cultura política também é utilizado de maneira bem pertinente por Pinheiro, associando Galindo aos processos históricos que envolvem o intelectual peruano. De acordo com Serge Bernstein, “[...] a cultura política, como a própria cultura, se inscreve no quadro de normas e dos valores que determinam a representação que

⁷ SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: Difel, 2005. P. 4.

⁸ Idem

⁹ POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do ideário político*. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo: Edusp, 2003 apud PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ª Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 24.

uma sociedade faz de si mesma, do seu passado, do seu futuro”¹⁰. Dessa forma, o acréscimo do conceito de cultura política à ideia de contexto lingüístico possibilita, assim, compreender o pensamento de Flores Galindo “[...] dentro do debate político-intelectual no qual se inseriu, e também delimitar os referenciais simbólicos presentes nos ideários, práticas e estratégias políticas de sua sociedade e de seu tempo”¹¹. Os dois conceitos em conjunto tornam a análise sobre o tema muito mais profícua e fazem com que os resultados sejam muito mais frutíferos, além de escapar de qualquer classificação reducionista relacionada à simples análise dos textos em si mesmos.

Em suma, o objeto desta resenha é uma obra que contribui muito não somente para a historiografia latino-americana, mas também, mais especificamente, para se conhecer mais a respeito da História política peruana, merecendo a leitura também por ser um trabalho que emprega uma abordagem inovadora, que se traduz em maior impacto aos resultados da análise e que possibilita a formulação de novas questões sobre o tema.

¹⁰ BERSTEIN, S. A. A Cultura Política. In: RIOUX, J. P. SIRINELLI, J. F. *Por uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349-363 apud PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ª Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 27.

¹¹ PINHEIRO, Marcos Pinheiro. 2013, p. 21. *Utopia Andina: socialismo e historiografia em Alberto Flores Galindo*. 1ª Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013. p. 26.